

Mercado de trabalho da Construção registrou, em fevereiro/22, o melhor desempenho dos últimos 12 meses.

A Construção Civil criou, em fevereiro/22, 39.453 novos postos de trabalho com carteira assinada em todo o País, conforme os dados do Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) divulgados pelo Ministério do Trabalho. Esse resultado foi 9,10% superior ao registrado no primeiro mês do ano (36.162). Além disso, ele correspondeu ao melhor desempenho do mercado de trabalho do setor nos últimos 12 meses ou seja, desde fevereiro/21, quando 45.156 novas vagas foram criadas.

Evolução mensal dos saldos* de vagas geradas na Construção Civil no Brasil



Fonte: Novo Caged/Ministério do Trabalho.

(*) Dados com ajustes.

No primeiro bimestre de 2022 o setor foi responsável pela geração de 75.615 novos empregos com carteira assinada. Esse número, apesar de ser inferior ao observado em igual período do ano passado (89.449), foi superior ao registrado em 2020 (61.856), ou seja, antes da chegada da pandemia no Brasil. Considerando o período de junho/20 até fevereiro/22, a Construção registrou saldo negativo em seu mercado de trabalho somente nos meses de dezembro/20 e dezembro/21, que são sazonais. Em todos os demais, o resultado foi positivo. Os números demonstram os reflexos do novo ciclo de negócios do setor, iniciado especialmente a partir do segundo semestre de 2020.

Fevereiro/22 foi o segundo mês consecutivo em que a Construção Civil registrou resultado positivo superior a 30 mil novos empregos. Os dados desagregados demonstram que a Construção de Edifícios foi responsável por 49,78% dos novos empregos no setor neste mês. Os Serviços Especializados para a Construção, com 12.667 novas vagas, responderam por 32,11% e as Obras de Infraestrutura por 18,11% do total.

Saldo de novas vagas geradas nos segmentos da Construção Civil - Fevereiro/2022



Fonte: Novo Caged/Ministério do Trabalho.

Dados da Sondagem da Construção, divulgada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), com o apoio da Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC), demonstram que o nível de atividade do setor, em fevereiro/22, ficou em 48,2 pontos, abaixo da linha divisória dos 50 pontos, que separa aumento de queda do nível de atividade, ou seja, a sinalização é de recuo das atividades. O indicador, entretanto, foi o melhor para o mês desde 2012, quando registrou 49,4 pontos. Isso significa que o desempenho no mês foi mais favorável do que o registrado em anos anteriores.

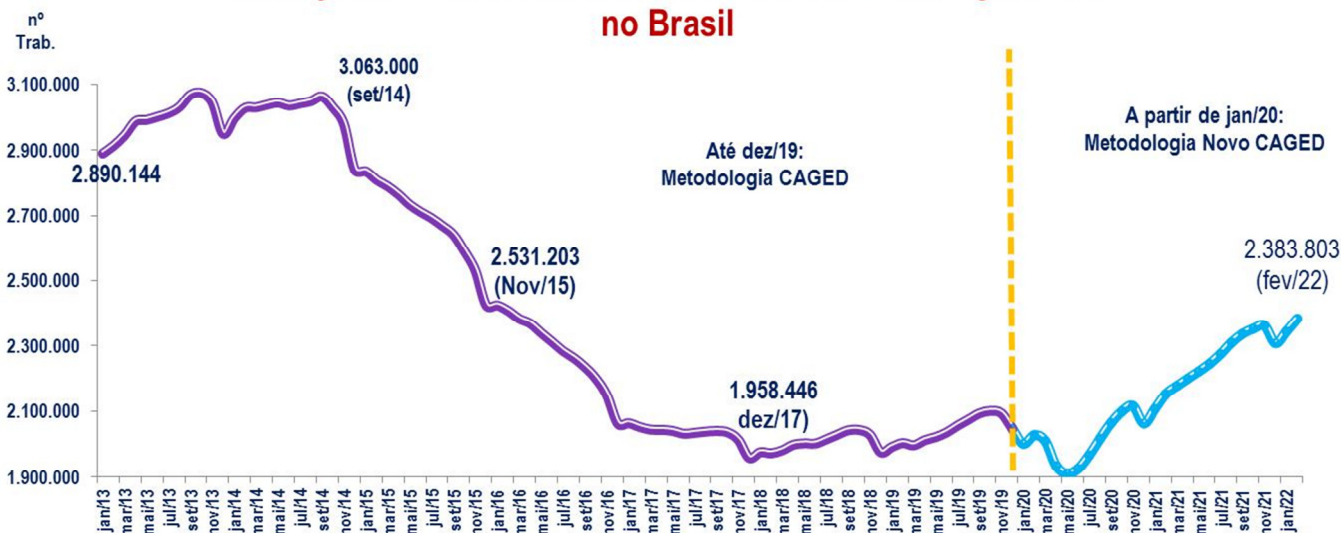
Evolução do Índice do Nível de Atividade* da Construção Fevereiro de cada ano



Fonte: Confederação Nacional da Indústria (CNI).
*Nível de atividade em relação ao mês anterior.

Considerando a série do novo Caged e do Caged observa-se que o número de trabalhadores com carteira assinada, na Construção, em fevereiro/22 (2,383 milhões), foi o maior desde fevereiro/2016 (2,408 milhões) e cresceu 1,68% em relação a janeiro /22 (2,344 milhões). Em relação a igual mês do ano passado (2,152 milhões) a alta foi bem mais expressiva: 10,75%.

Evolução no número de trabalhadores na Construção Civil no Brasil



Fonte: CAGED (2013 a 2019) e Novo CAGED (2020 a 2022) - Ministério do Trabalho.

O número de trabalhadores no setor, no segundo mês do ano, correspondeu a 5,79% do total de empregados formais no País (41,157 milhões). Entretanto, a Construção foi responsável por 15,79% do total das novas vagas com carteira assinada criadas no País no acumulado dos meses de janeiro e fevereiro/22 (478.862). Considerando somente o mês de fevereiro/22, o setor respondeu por 12% (39.453) das novas vagas geradas (328.507).

Dados do novo Caged demonstram que o salário médio de admissão dos trabalhadores formais da Construção Civil foi de R\$1.885,29 em fevereiro. Esse resultado, além de superar a média nacional (R\$1.878,66), também foi maior do que o registrado pela Indústria em geral (R\$1.876,55), pela Indústria da Transformação (R\$1.859,03) e pelo Comércio (R\$1.621,92).

Salário Médio de Admissão (R\$)* por Grupamento de Atividades Econômicas - Fevereiro/22



Fonte: Novo CAGED, Ministério do Trabalho.

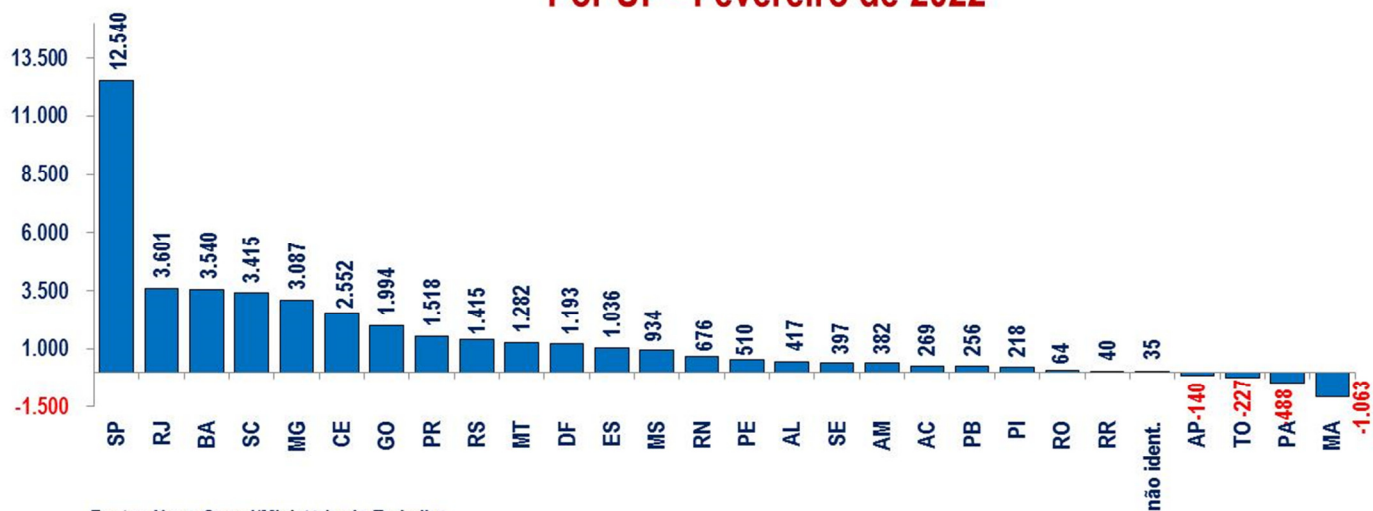
* Salário médio de admissão em valores nominais.

Obs.: Não incluem valores menores que 0,3 salários mínimos e maiores que 150 salários mínimos, assim como vínculos da modalidade intermitente.

São Paulo foi, novamente, o estado com o maior número de novas vagas criadas no setor: foram 12.540 novos empregos em fevereiro/22. O Rio de Janeiro, assim como aconteceu no primeiro mês do ano, ocupou a segunda colocação (3.601 novos empregos). Bahia, Santa Catarina e Minas Gerais completam a lista das cinco Unidades da Federação com maior número de novas vagas geradas na Construção. Neste mês somente quatro estados não registraram resultados positivos no mercado de trabalho do setor: Maranhão (-1.063), Para (-488), Tocantins (-227) e Amapá (-140).

Saldos de novas vagas geradas - Construção Civil Por UF - Fevereiro de 2022

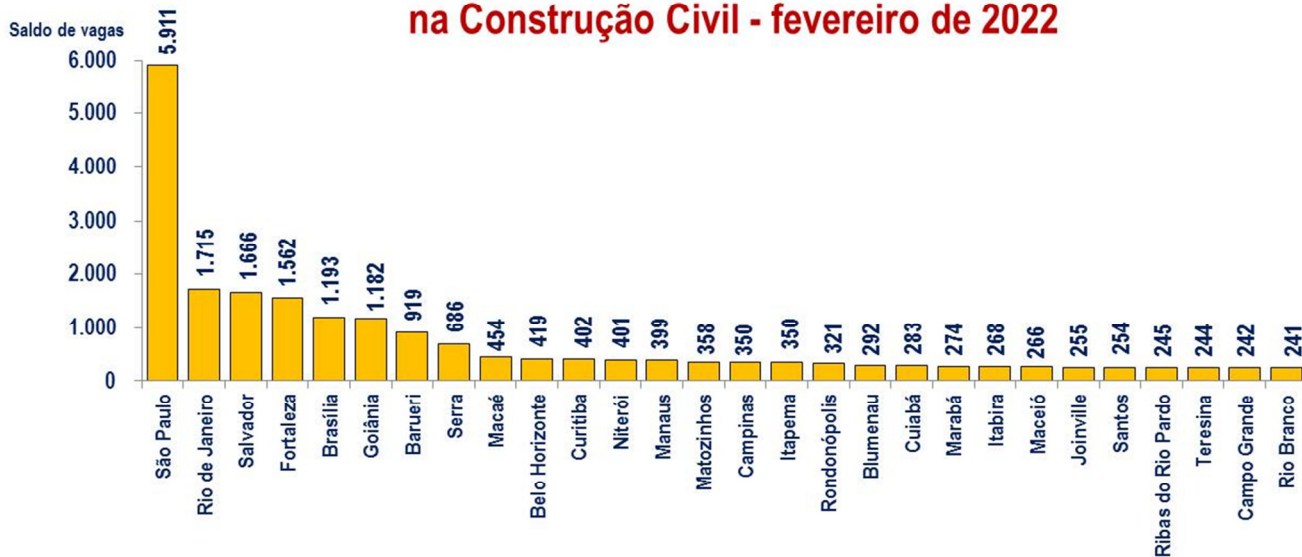
Saldo de vagas



Fonte: Novo Caged/Ministério do Trabalho.
(*) Dados com ajustes.

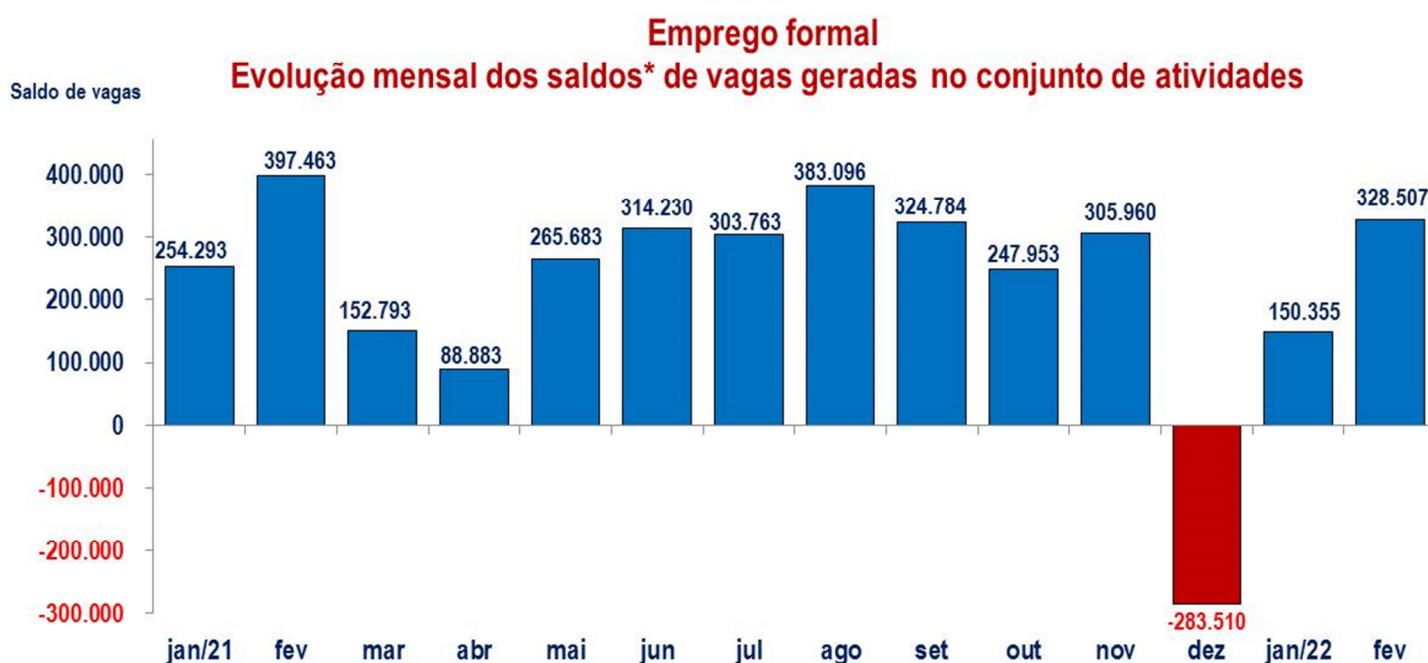
As cidades de São Paulo (5.911), Rio de Janeiro (1.715), Salvador (1.666), Fortaleza (1.562), Brasília (1.193) e Goiânia (1.182) foram destaque e apresentaram os maiores números de criação de novos empregos na Construção Civil.

Municípios com maior número de novas vagas geradas na Construção Civil - fevereiro de 2022



Fonte: Novo Caged/Ministério do Trabalho.
Dados com ajustes.

Considerando o conjunto de atividades, o País gerou, em fevereiro/22, um total de 328.507 novos empregos com carteira assinada. Esse foi o resultado da diferença de 2,013 milhões de admissões e 1,685 milhões de demissões. Neste mês todos os grandes segmentos de atividade apresentaram saldo positivo, ou seja, admissões maiores que as demissões: Serviços (215.421), Indústria (43.000), Construção (39.453), Agropecuária (17.415) e Comércio (13.319). Este foi o melhor resultado do mercado de trabalho formal do País nos últimos seis meses.



Fonte: Novo Caged/Ministério do Trabalho.
(*) Dados com ajustes.

Apesar dos resultados positivos no mercado de trabalho, os desafios no setor permanecem. O conflito Rússia x Ucrânia trouxe de volta a preocupação com a elevação nos preços dos insumos. Vale destacar que o desempenho do setor em 2021 só não foi melhor em função da forte elevação de preços dos materiais de construção. Em 2020, o Índice Nacional de Custo da Construção (INCC), calculado e divulgado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) registrou alta de 8,81% e em 2021, cresceu 13,85%. Nesse período, o custo com materiais e equipamentos se elevou em 48,44%.

As perspectivas para a inflação do País continuam registrando elevação. Conforme a Pesquisa Focus, realizada semanalmente pelo Banco Central, o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), que é calculado e divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e é o indicador oficial da inflação nacional, deverá encerrar o ano em 6,86%. A meta inflacionária de 2022 é 3,5% e ela será considerada totalmente cumprida se variar de 2,0% a 5%. Portanto, já se aguarda inflação muito superior ao teto da meta. Ressalta-se que há 11 semanas consecutivas as projeções para a inflação brasileira vêm aumentando sistematicamente.

A disparada nos preços do petróleo e de outras importantes commodities traz riscos de aumentos maiores de preços e conseqüentemente, de mais taxas de juros. Vale lembrar que o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central aumentou, em março, pela nona vez consecutiva a Selic. Assim, a taxa que estava em 10,75% passou para 11,75% ao ano. E o referido colegiado já sinalizou uma nova alta de 1,0 ponto percentual em sua próxima reunião, que acontecerá em maio. Isso significa que ainda no primeiro semestre do ano a Selic estará em 12,75%. A Pesquisa Focus estima a Selic em 13% no final de 2022. Juros mais altos desestimulam segmentos produtivos e, com isso, reduzem o ritmo da atividade econômica, pois os investimentos migram para o mercado financeiro. Em relação ao aumento da Selic, o questionamento que se faz, nesse momento, é a sua influência limitada sobre o avanço dos preços na economia que estão sendo mais pressionados pela oferta. Sempre é bom destacar que menor ritmo de atividade econômica significa menos emprego e menos renda.

Elaboração: Economista Ieda Vasconcelos